

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**ANIELLY KOERICH**

**NASCE UMA MÃE: MEMÓRIAS DA MATERNIDADE EM CONSTITUIÇÃO NA  
PERSPECTIVA DE ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO**

**MATINHOS**

**2018**

**ANIELLY KOERICH**

**NASCE UMA MÃE: MEMÓRIAS DA MATERNIDADE EM CONSTITUIÇÃO NA  
PERSPECTIVA DE ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO**

Trabalho apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação, do Setor Litoral, da Universidade Federal do Paraná.

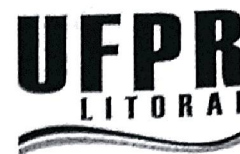
Orientador: Prof. Me. André Essenfelder Borges

**MATINHOS**

**2018**



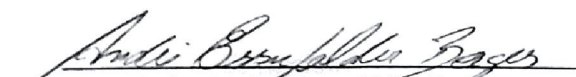
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR LITORAL  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO ALTERNATIVAS PARA UMA  
NOVA EDUCAÇÃO




## PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

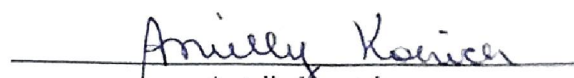
Os membros da Banca Examinadora designada pelo orientador Professor MSc. André Essenfelder Borges, realizaram em 28 de junho de 2018 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante Anielly Koerich, sob o título “NASCE UMA MÃE: MEMÓRIAS DA MATERNIDADE EM CONSTITUIÇÃO NA PERSPECTIVA DE ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO”, sendo quesito parcial para obtenção do Título de *Especialista no Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação*, pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo sido “APROVADA”.

Matinhos, 30 de junho de 2018.

  
MSc. André Essenfelder Borges  
Professor Orientador

  
Dra. Lenir Maristela Silva  
Professora Integrante

  
MSc. Almir Carlos Andrade  
Professor Integrante

  
Anielly Koerich  
Estudante

**Conceitos de aprovação**  
APL = Aprendizagem Plena  
AS = Aprendizagem Suficiente

**Conceitos de reprovação**  
APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente  
AI = Aprendizagem Insuficiente

## **NASCE UMA MÃE: MEMÓRIAS DA MATERNIDADE EM CONSTITUIÇÃO NA PERSPECTIVA DE ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO**

**ANIELLY KOERICH**

### **RESUMO**

Este trabalho, apresentado como parte final do curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação da Universidade Federal do Paraná – situada no Litoral do estado, tem como principal foco apresentar os caminhos percorridos por uma mãe em transformação. A construção do projeto aqui apresentado, tem no encontro de mães em rodas de conversas, possibilidades de encarar os desafios vivenciados e experienciados na maternidade, através de diálogos e debates. Nessas rodas, pode-se desenvolver um trabalho de partilha de experiências com outras mães e direcionamentos de estudos voltados aos desafios encontrados na missão de educar nossas crianças. O grupo foi formado por mães que moram nas redondezas e conhecidas, para que as trocas fossem espontâneas e abertas sobre os caminhos, as escolhas, os dilemas, as contradições e as dificuldades, afim de fortalecer uma rede de apoio que, além de promover o diálogo buscou deixar mais leve e esclarecida a caminhada, construindo e vivenciando novas possibilidades de educação, em perspectiva comunitária.

**Palavras-chave:** Maternidade. Educação. Roda de conversa.

### **1 INTRODUÇÃO**

O presente trabalho, é parte final do curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação da Universidade Federal do Paraná – situada no Litoral do estado (doravante UFPR Litoral) tem como foco central de escrita, apresentar os caminhos percorridos durante o processo de construção e desenvolvimento educacional, de uma mãe em constituição.

Neste sentido, busquei fazer alguns apontamentos que traduzissem minhas experiências na forma deste presente memorial. O objetivo geral foi o de organizar rodas de conversa, promovendo espaços de diálogo e debate sobre as dificuldades de ser mãe e sobre como conciliar a maternidade com a formação acadêmica e trabalho remunerado. Essas rodas, permitiram momentos em que se levantaram

algumas dificuldades na busca por essa conciliação dos papéis de mãe, estudante e trabalhadora, além de discutir a importância e a necessidade de apoio e assistência para as mães, que surge como uma especificidade de meu projeto. Neste sentido, organizo o presente trabalho em três etapas, que resumem o vivenciado e experienciado por mim, através do que se conceitua na ANE como possibilidades de Alternativas para uma Nova Educação.

No primeiro momento, apresento uma breve trajetória de minha vida até chegar a ANE, que passa por diversos percalços estudantis e pessoais, mas, que de certa forma me direcionaram para a carreira docente. Na segunda etapa, busco uma aproximação de minhas vivências no processo de formação da Especialização, aqui apresentada, bem como das dificuldades encontradas para a efetivação de um projeto que se justificasse na perspectiva que acredito ser uma das principais formas de se encontrar Alternativas para uma Nova Educação, a maternidade.

Adiante, apresento minhas últimas considerações para o presente trabalho, que me direcionada para possíveis vivências na perspectiva educacional no ato de ser mãe, bem como possíveis reflexões sobre o assunto.

## **2 MEMÓRIA DE VIDA**

Nascida em São José dos Pinhais, filha de mãe solteira, sou fruto de um envolvimento casual.

Quando eu ainda tinha 2 anos, minha mãe se casou e passei a ter um “paidrasto” muito atencioso, participativo e zeloso me lembro dele assim até meus 8 anos. O tempo passou, minha irmã nasceu e com ela toda uma responsabilidade e zelo a mim direcionada. Após mais alguns anos as coisas foram mudando e aquela imagem que criei de um bom padrasto, aos poucos foi sendo substituída pela figura de uma pessoa egoísta, machista, abusiva, opressora. E aquele que eu via como pai, passou a ser visto como opositor. Depois das inúmeras cenas de agressão física e psicológica contra minha mãe, e as diversas tentativas de abuso contra mim aos 11 anos, meu único pensamento e certeza era a vontade de mudança.

Hoje percebo que tudo isso refletiu significativamente em meu rendimento escolar. E me faz olhar para cada aluno com olhares acolhedores, pois, assim como tive uma professora que notou minha diferença e me ajudou, quero olhar e ajudar meus alunos que, infelizmente, passaram, passam e vão passar por situações iguais ou parecidas.

Certa de que precisava mudar minha vida, resolvi que era hora de ir atrás do meu pai biológico, acreditava que ao conhecê-lo, todo caos que estava vivendo desapareceria. O que eu não sabia é que isso só iria piorar a situação no momento, visto que minha atitude gerou ciúmes, paranoias, perseguições, ódio e muito rancor transpassados pelo padrasto, ou seja, as coisas em casa só pioraram.

Certo dia, minha mãe operada e em recuperação, teve uma grande discussão com meu padrasto, que levou a separação. Eu estava com treze anos e foi sem dúvidas a pior fase de minha vida.

Sem poder trabalhar e adoecida, minha mãe teve muitas dificuldades em manter a casa e as duas filhas. Tivemos ajuda de pessoas solidárias que se dispuseram a nos ajudar naquele momento. Logo, percebi uma lição para vida, aprendi que existem pessoas de bons corações que não pediram nada em troca e não mediram esforços para nos ajudar. Prezo muito isso na vida, olho para a nossa atual sociedade e percebo que ela carece de humanidade, de pessoas benevolentes, que tem compaixão e que se doam pelos outros.

Ainda revoltada com tudo, tive um período que me tornei mais agressiva, simplesmente agredia fisicamente e verbalmente determinadas pessoas de convivência diária, principalmente, no espaço escolar. Me tornei uma aluna briguenta, respondona e debochada, que não se importou mais com as responsabilidades escolares. Ao avaliar todos esses fatores físicos, psicológicos e intelectuais que estava vivendo, compreendo que era uma forma de mostrar para as pessoas que eu era forte, tornando isso meu escudo.

Sendo só nós três, eu, minha irmã e minha mãe, passei a ter certas responsabilidades como organizar a casa, lavar roupa, fazer pão, cortar grama, além de estar incumbida de tomar conta da minha irmã, que estava iniciando seu processo de escolarização. Então, dava banho, a alimentava, levava e buscava na escola, sempre que solicitado participava das reuniões e pegava seu boletim, enquanto minha mãe saía para trabalhar. Minha irmã foi minha primeira aluna, lembro de trazer giz para casa e ensiná-la utilizando as portas de meu guarda-roupa. Ela sabia escrever seu nome, sabia as letras do alfabeto e os números, mas, como passei isso a ela não recordo, porém, lembro que todos os dias brincávamos de escolinha.

Discursos como “estude, o conhecimento é a única coisa que ninguém tira de você”, “olhe para sua mãe! Busque algo melhor para você” ou “seja alguém na vida”, fizeram parte da minha adolescência inteira. Sonhava com algumas profissões como toda criança, apesar de não ter a mínima ideia de como eu chegaria onde parecia

minha obrigação chegar. Hoje, refletindo sobre tudo que passei, lembro que o que vinha em minha cabeça com esses discursos era que se eu estudasse eu seria rica, no sentido de abundância de dinheiro e muitas propriedades.

Aos 16 anos, passei a estudar no período noturno, continuava a treinar futsal, trabalhava como estagiária em uma empresa de contabilidade e fazia unhas de amigas e familiares aos finais de semana. Sempre envolvida em várias atividades e vivenciando de longe a realidade do ensino noturno, em que observava fatos de violência, álcool, drogas, polícia fazendo batida quase toda semana. Em meio a tudo isso, ainda existia o problema de ausência docente, logo, me formei no 3º ano do Ensino Médio, sem ter professores em algumas disciplinas.

Nessa época, conheci duas pessoas que se tornaram amigas com o tempo e que futuramente, me orientariam sobre como ingressar em uma universidade, inclusive, me dando aulas particulares. Foi quando notei a defasagem que eu tinha e a dificuldade de interpretação e elaboração de textos, de raciocínio lógico e, sobretudo, de me organizar para estudar, pois, eu não sabia estudar e carregava tal indagação comigo até o presente momento.

Adiante, em agosto de 2006, após ter feito vestibular, recebi a notícia que tinha passado, então, arrumei minhas coisas para ir embora para uma cidade desconhecida, atrás de algo, um sonho. Assim, iniciava minha carreira acadêmica, cheia de incertezas, dúvidas, medos e anseios.

E o que carregava em minhas lembranças diante de todo meu processo de escolarização, foram as ações e projetos humanitários, tais como arborização do bairro, visita ao asilo, trabalhos em grupo, entre outros.

A Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, por meio de minhas vivências nos cursos de Técnico em Turismo e Hospitalidade (2008), do curso de Licenciatura em Ciências (2013) e da Especialização em Educação Ambiental com ênfase em Espaços Educadores Sustentáveis (2015), me proporcionaram experiências em diversos projetos e programas institucionais como PIDIB, LABNAPNE, LABMÓVEL, Projeto Mais Educação, além de minha atuação como professora de Ciências da Rede Estadual de Educação Básica, me mostram que um currículo precisa ser amplo, dinâmico e flexível, infelizmente, não é o que acontece normalmente nos espaços educacionais.

Fui integrante do grupo vinculado a UFPR Litoral, que se fez presente na 2ª edição da Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação (CONANE), em setembro de 2015 no CEU Heliópolis Professora Arlete Persoli, em São Paulo e na CONANE Caiçara, realizada em Morretes-Pr. Em maio de 2016,

com direcionamentos para a CONANE 2017, onde pude entender, efetivamente, que realmente existem várias formas de aprendizado e que a escola, de maneira direta ou indireta, direciona obrigatoriamente um currículo homogêneo não contempla a pluralidade escolar.

Durante toda minha vida escolar tive várias dificuldades para avançar diante dessas propostas obrigatórias e tradicionais e não me lembro, por exemplo, de ter sido incentivada a escrita e a reflexão do fazer escolar.

E carrego essas indagações, por identificar nos espaços educacionais pelos quais passei e atuo, demasiada falta de discussão de valores, anulação de questionamentos advindos dos alunos, determinações irrefutáveis, o direcionamento capitalista pelas unidades de educação, discursos de que os estudantes não serão ninguém sem estudos e principalmente, por acreditar que pensar em novas alternativas para educação, é almejar escolas de qualidade, que deem aberturas para que os sujeitos ali presentes, pensem a partir de sua cultura, de sua regionalidade, de sua tradição e história de vida.

Para tanto, evidencio a necessidade em pensar a escola, fora das amarras da escolarização, de maneiras alternativas, valorizando os saberes dos educandos e dos profissionais que ali convivem cotidianamente, de maneira solidaria e autônoma, desenvolvendo habilidades de práticas diárias, criatividade, empatia, trabalho em equipe, soluções de problemas, protagonismo social, bem como diálogos de valores como amor, gentileza e compaixão.

Tenho como passatempos, quando não estou na escola, o trabalho de customização e decoração de artigos de papelaria e aproveitamento de materiais reciclados e, agora, mãe em tempo integral.

### **3 RELATO**

Ao Iniciar esta pós-graduação minha proposta de projeto e ações eram voltadas para espaços não-formais e informais na educação.

No início do ano de 2017, por mudanças nos direitos já conquistados pelos professores e funcionários das escolas públicas do Paraná, na qual houveram redução no salários e nas horas atividades, entre outras, o que ocasionou o fechamento de turmas por todo o estado do Paraná, levando muitos profissionais da educação do regime PSS (processo seletivo simplificado) a ficarem fora do quadro de funcionários, e eu fui uma delas.



Visto que na época estava apenas atuando em uma escola de rede particular, direcionei e estruturei meu projeto para realização das ações neste mesmo espaço. Ministrava aulas no 6º, 7º e 8º anos na Escola Ciranda do Saber, particular e de pequeno porte, na cidade de São José dos Pinhais/PR. Assim, minha proposta de ação consistia, principalmente, em estruturar um trabalho com os estudantes do ensino fundamental II, da escola supracitada, no período do contra turno. Inicialmente, os encontros aconteceram semanalmente, no período da tarde das quartas-feiras.

A ideia se baseava em ações problematizadoras cotidianas, nas quais incluíram questões de caráter humanitário. Que objetivaram desenvolver práticas e vivências que potencializassem a criatividade, o protagonismo social, a empatia, o trabalho em equipe, as formas de gerenciar conflitos, a compaixão, as gentilezas dentro do espaço escolar. Considerando as pluralidades e especificidades dos estudantes.

Essas ações tiveram como base a solução de problemas, através dos pilares “conhecer e compreender, compreender e propor, propor e agir”, fundamentados na proposta emancipatória da UFPR Litoral.

O projeto contou com colaboradores adjuntos da escola, de estudantes de outras instituições, pais e comunidade, bem como o coletivo ANE.

A partir da contribuição do coletivo ANE, conhecimentos específicos e empíricos dos sujeitos escolares e a participação efetiva da gestão escolar, as ações constituíam no contato com práticas que não faziam parte de seu dia a dia na escola, porém, eram conhecidas como: costurar, customizar, cozinhar, pintar, dramatizar, entre outras. As ações se desdobravam em especificidades que dariam suporte para que o projeto acontecesse.

Dentro da perspectiva desse projeto, realizei ao todo 8 encontros com os estudantes. A cada encontro demandava algo novo, de acordo com a necessidade do momento, visto que eu apenas mediava o processo e as propostas eram todas direcionadas e organizadas pelos estudantes. Realizávamos pequenas tarefas, como: pintar o muro da escola (FIGURA 1), estruturação de uma horta suspensa e um pequeno jardim (FIGURA 2), rodas de conversa, entre outros, além da organização da biblioteca da escola, após a mesma receber uma grande doação de livros.

FIGURA 1 – PINTURA DO MURO



FONTE: Acervo pessoal (2017)

FIGURA 2 - Construção do Jardim



FONTE: Acervo pessoal (2017)

Realizamos um trabalho voluntário, na estruturação e repaginação do pátio da escola e neste ambiente foi onde aconteceram grandes trocas de experiências. Em um dos encontro sentamos embaixo de uma árvore e através de questionamentos, iniciamos um processo de construção de conhecimentos, onde

teve trocas e interações, além de desenvolvimento de conteúdos interdisciplinares, partindo da base na Educação pelo Ensino de Ciências.

Por mais que a escola fosse de rede particular, uma parcela da comunidade escolar é atendida pelo sistema de bolsas e acesso a cultura. Que na perspectiva do projeto, veio de encontro a proposta de direcionar uma consciência a respeito do pertencimento do local, como uma extensão da própria comunidade. Visto que quando o educando coloca a “mão na massa” para cuidar do espaço escolar (FIGURA 3), ele possivelmente estará criando um referencial para a vida em comunidade.

FIGURA 3 – REPAGINAÇÃO



FONTE: Acervo pessoal (2017)

No meio da construção e constituição desse projeto, a escola estava passando por vistoria e aprovação do NRE (Núcleo Regional de Educação) para liberação e continuação das atividades pedagógicas, com isso os ânimos estavam abalados. O que coincidiu com a descoberta da minha gravidez.

Estes dois fatores ligados aos sintomas do 1º trimestre da gestação. Além, do conhecimento da doença do meu pai em estágio avançado até o seu falecimento, fizeram com que eu desse um tempo nas atividades que vinha planejando, estudando e desenvolvendo na escola, a partir da perspectiva de Alternativas para uma Nova Educação.

Mesmo diante desses acontecidos, que me deixaram efetivamente abalada, busquei meios de me manter conectada aos projetos ANE, mesmo que por diversas vezes, com um certo distanciamento. Porém, a cada encontro do coletivo, onde ouvia relatos de pessoas que sofreram com seus processos de escolarização e a incansável busca de um ensino que contemplasse e fizesse sentido nos espaços

ditos escolarizantes. Bem como relatos de mães buscando novos métodos para contribuir numa educação não hegemônica e mais humana para os seus filhos.

Pude, com a gestação e o contato direto com essas alternativas identificar a necessidade de estudar para ser mãe, foi que redirecionei meus estudos e leituras. Além de aquisição de livros dentro da temática, comecei a seguir páginas nas redes sociais, científicas e de relatos de experiências.

Desde o desenvolvimento da gestação iniciou o interesse e a leitura por assuntos relacionados a maternidade, acompanhamento do desenvolvimento do embrião ao feto. A cada semana um marco no desenvolvimento embrionário. Abaixei aplicativos de acompanhamento gestacional, que além de informações e dicas serviam como um diário.

A ANE neste processo foi fundamental para orientar, direcionar e mostrar, que uma educação é conduzida com muita dedicação e amor e quanto isso impacta no desenvolvimento da criança. Na CONANE Caiçara de 2017, educadores Celso Vasconcellos (FIGURA 4) e José Pacheco em suas falas exaltaram que a educação inicia-se ainda no ventre da mãe, referindo-se que a educação está presente em todos os momentos.

FIGURA 4 - Celso



FONTE: Acervo pessoal (2017)

Na CONANE Caiçara do ano anterior (2016) conhecemos a psicopedagoga Isa Minatel, autora do livro “Crianças sem Limites”, que abordou em sua fala a importância de desacelerar, conhecer sua criança identificando suas necessidades e o que ficou marcado que no momento não fez tanto sentido como agora, pós nascimento da Bella, estudar para ser pais. Hoje a seguimos nas redes sociais, acompanhamos seu trabalho e assistimos aos seus vídeos.

Após o nascimento sentimos a necessidade de buscar ainda mais referências que nos dessem suporte na criação e no desenvolvimento da Bella. Procuramos conhecer e compreender sobre os diferentes tipos de abordagens pedagógicas da primeira infância.

Cada vez mais vem sendo destacada a importância dos cuidados integrais e integrados da criança. Integralidade significa a reunião das partes que compõem um todo, ou seja, refere-se à atenção aos aspectos físicos, cognitivos, psicológicos, sociais e culturais da pessoa.” (FUTURA, p. 07)

Neste processo de aprendizado, um dos primeiros livros que lemos sobre teoria na primeira infância foi “Abordagem Pikler educação infantil” de Judit Falk (2016). Ao estudar esta abordagem pedagógica compreendi os princípios que a norteiam o processo de desenvolvimento infantil. Estes princípios são: a valorização do vínculo entre cuidador (e/ou mãe) e o bebê; o reconhecimento e o respeito à individualidade dos bebês; a promoção da autonomia através da liberdade de movimentos, do brincar livre; e o respeito ao tempo e espaço necessário ao desenvolvimento sadio. No entanto, estes princípios estão interligados não tem como falar de um sem referir aos outros.

Buscamos artigos que contemplasse os outros métodos de ensino, então estudamos sobre Montessori, Reggio Emilia e Waldorf. Conhecemos e compreendemos os princípios pedagógicos de cada um, para nortear a arte de educar.

Atualmente estudamos sobre educação não-violenta, disciplina positiva, Montessori em casa, criando filhos comunicadores, desenvolva seu filho brincando, temperamentos da criança ao adulto entre outros tantos assuntos relacionados ao desenvolvimento da criança. Estes cursos são disponibilizados online pela plataforma Mundo Em Cores, que é uma escola de pais, “especializada em ajudar famílias no desenvolvimento moral, intelectual e criativo das crianças, independente do seu temperamento. Além, destes cursos, fizemos uma consultória também online,

sobre rotina, alimentação, comportamentos, associações negativas de sono, entre outros.

Diante das dificuldades e desafios diários, após o nascimento da Bella, as dúvidas e incertezas, os julgamentos, sentimentos de culpa e angústia, cobranças, depressão e adoecimento emocional, além de solidão, da necessidade de estudar, conversar, compartilhar e trocar experiências com outras mães, que surgiu a ideia de realizar rodas de conversas. Para isso, montei um grupo composto por amigas moradoras do bairro ao qual resido e que estudamos todas as etapas da educação básica juntas, compartilhei a ideia e as convidei a um primeiro encontro, que aconteceu na casa de uma delas. A ideia consistia em rodas de conversas, inicialmente composto por mães, um espaço para repensarmos a educação e discutirmos sobre assuntos relevantes que envolve as crianças a partir das demandas que forem surgindo e apresentadas pelos próprios participantes da roda.

No primeiro encontro pudemos trocar nossas experiências e dividir o que deu e não deu certo, além de como elas lidavam com cada fase de suas crianças. E durante a conversa cada uma relatou quais os desafios encontrados durante cada fase da maternidade, como: gestação, partos, violência obstétrica, amamentação, pós-parto, mudança no corpo, depressão pós-parto, puerpério, romantização da maternidade, umbigo, privação do sono, culpa, rotina, vacinas, introdução alimentar, temperamentos, comportamentos, educação, educação violenta, educação positiva, educação permissiva, entre outros.

Fiquei como mediadora desde coletivo, incentivando, intermediando, tranquilizando e agradecendo pela partilha. Contudo, notei em alguns discursos um preconceito em relação a determinadas escolhas de caminhos que conduziam a maternidade de cada uma presente na roda e como era difícil aceitar que não existia o certo e o errado, apenas o que melhor se encaixou dentro da realidade de cada uma.

Em determinado momento enquanto falávamos sobre introdução alimentar, partilhando as experiências e entendo as escolhas de cada uma, fui surpreendida com a mãe da anfitriã colocando um pedaço de bolo de chocolate na boca da Bella que na época estava com 4 meses e se alimentando apenas do leite materno, alegando que ela estava com vontade. Na hora fiquei sem saber como reagir, senti raiva, fiquei desconfortável e invadida. Afinal, uma das escolhas feitas por nós para a Bella é a introdução alimentar livre de sal e açúcar.

Para chegar nesta decisão, buscamos referências para embasar a escolha e acompanhamento médico. Assistimos ao documentário “Muito além do peso” da

diretora e cineasta brasileira Estela Renner, que aborda o tema obesidade infantil e o grande consumo de açúcar e outros alimentos não saudáveis cada vez mais cedo pelos pequenos. E da mesma diretora a série “O começo da Vida” que traz a importância dos primeiros mil dias na vida e desenvolvimento da criança, explanando os papéis dos pais neste processo. E vários artigos de especialistas elucidando as consequências do consumo em excesso destes ingredientes.

Um encontro marcado pelas verdades absolutas, uma querendo se engrandecer mais que a outra, fiquei perplexa com a falta de empatia e sororidade. O que me deixou incomodada e reflexiva por alguns dias. Queria que esses encontros fossem um lugar onde nos sentíssemos acolhidas, em que pudéssemos compartilhar nossas alegrias, sofrimentos, esperanças, descobertas, mas, principalmente, trocar experiências sem julgamentos.

Para o segundo encontro dobrou o número de participantes, nos apresentamos e falamos sobre nosso interesse por estar ali. Após esse primeiro momento, levei os conceitos de empatia e sororidade para discussão, além de uma texto de Rafaela Carvalho intitulado “Comparação é o ladrão da felicidade”. Este material possibilitou iniciar nosso diálogo sobre maternidade mais leve e descontraído, desde os desafios já mencionados acima no texto como a reflexão do papel da mulher diante de uma sociedade heteronormativa, machista e misógina. Quando adentramos nos assuntos relacionados a desigualdade entre gênero, pude abordar o conceito de feminismo e dividir com elas as leituras que estava envolvida no momento, apresentei a autora Chimamanda Ngozi Adichie e suas obras “Para Educar Crianças Feministas: um manifesto” e “ Sejam Todos Feministas” elucidando alguns pontos relevantes para o momento.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao dar início a estas considerações, fiz um exercício que venho repetindo desde minha graduação em Licenciatura em Ciências, o de analisar os pontos de maiores pertinência para meu desenvolvimento como docente e, principalmente, qual a minha principal função dentro de um espaço educacional. Todas as vivências nesta especialização, desde o começo até o presente momento me fizeram mais do que nunca, ver o quanto necessitamos de estudo.

Meu desempenho nesta proposta não tem como ser medido, mas, posso refletir sobre diversos aspectos de minha vida durante o processo da ANE, que identifi-

co como algo em constante transformação, como na própria experiência da maternidade.

Pensar em Alternativas para uma Nova Educação e ao mesmo tempo, buscar uma essência materna na perspectiva educativa, se torna um tanto desafiador, principalmente, quando temos a consciência de que a escolarização que é presente em nós, se faz evidente em muitos momentos.

Assim sendo, entendo que meu projeto ANE é inconcluso e sempre será, pois, a maternidade é uma constante busca de Alternativas para se amar melhor, se conectar melhor com minha filha, um busca infinita do devir a ser mãe, companheira, mulher.

As rodas de conversa serviram para fortalecer um vínculo necessário de amizade e criar uma rede de apoio,afim de lidar melhor com os desafios encontrados na maternidade. Pois, nos três papéis supracitados, a solidão pode pairar nossas vidas na maternidade. E o fato de podermos ter umas nas outras, referências em diversos aspectos, faz dessa vivência uma real possibilidade de pensar a Educação com um viés mais humano e amoroso.

Se diante disso tudo, eu não pudesse ter essa identificação, talvez a Alternativa fosse deixar de lado quem eu sou e o que eu gostaria de representar para minha filha, mas, estar conectada com uma possível Nova Educação, abre caminhos inconclusos, mas, de extrema valia para uma mãe em constituição.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Para educar crianças feministas: um manifesto. 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Sejam todos Feministas. 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FUTURA, Canal – **NOTA 10 primeira infância** – Fundação Roberto Marinho, Rio de Janeiro/RJ. Disponível em: <[http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/fmcsv/programa\\_notas10\\_primeira\\_infancia\\_0\\_a\\_3\\_anos.pdf](http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/fmcsv/programa_notas10_primeira_infancia_0_a_3_anos.pdf)> - Acesso em: 12/09/2018.

VILARINHO, Thais. Mãe fora da caixa. São Paulo: Buzz editora, 2017.